

AVALIAÇÃO: INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO

Robson Alves dos Santos

Departamento de Didática,
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Quando iniciamos uma discussão acerca da avaliação educacional e seu papel no desenvolvimento dos alunos, deparamo-nos com práticas que atuam como verdadeiras travas para o desenvolvimento da educação. De valioso instrumento para a rearticulação de todo o processo de ensino-aprendizagem, ou mesmo de acertos e reparos pequenos em práticas que levem o aluno a aprender, ela normalmente é desvirtuada dessa sua função para assumir uma importância que, analisando-se com acuidade, a torna legitimadora da exclusão ou da classificação indevida dos alunos, sancionando as desigualdades que a sociedade exhibe fartamente.

Para começarmos a desmistificar a avaliação, podemos usar como metáfora uma pessoa que, ao ir ao médico com alguma dor, recebe por parte deste profissional um guia para fazer determinado exame para descobrir a causa de determinada dor e, a partir dos resultados, proceder com o tratamento adequado.

Pois bem, utilizando essa metáfora, comparando-a com a avaliação ao final de um tema ou conteúdo em que o professor constata que o aluno não sabia o que deveria saber, o que estava traçado no plano de ensino, e por isso será reprovado, poderíamos dizer que, salvas as proporções, seria como o médico que pediu o tal exame apenas para dizer que a pessoa tem uma determinada doença e que por isso irá morrer, pois ele não fará nada.

Voltemos à sala de aula... O professor que, ao final do bimestre ou do ano letivo, apenas constata que o aluno não sabia isso ou aquilo e nada faz para reverter a situação está selando o fracasso do aluno.

A avaliação dever servir como elemento para que tanto professores, quanto alunos possam rever caminhos, metodologias, para que estes possam melhorar e aqueles, ao fazer uso da avaliação para si, melhorem suas relações com o alunado.

A avaliação deve ser um elemento de grande auxílio para o desenvolvimento dos alunos, tornando-se sua aliada, ajudando-os a superar obstáculos, fazendo-os crescer e não apenas quantificar, dando notas ou conceitos, medindo os supostos saberes ou as supostas ignorâncias acerca do que deveriam saber.

AVALIAÇÃO: A BRUXA DA HISTÓRIA!

Ao assistirmos ao desenho da Branca de Neve, produzido pela Disney, torcemos para que a bruxa caia do penhasco enquanto foge da fúria dos anões que, ao constatarem que ela “matara” sua protegida, perseguem-na pela floresta. A bruxa é a vilã, aquela que impede que a felicidade reine na floresta. Aliás, esta emoção só é adquirida no momento em que o príncipe encantado beija a mocinha e a desperta do sono profundo.

Podemos comparar a avaliação à bruxa da história que conduz a maçã envenenada a todos aqueles alunos que se vêem vítimas de suas garras que os levam ao fracasso, à nota vermelha, à reprovação. Porém, ao contrário da história, não existe príncipe encantado para quebrar o feitiço. Quando o aluno depara com o fracasso infligido pela quantificação da avaliação, na grande maioria das vezes, não tem a chance de retomar seu caminho e buscar o sucesso para seu desenvolvimento como estudante, ser aprendiz por excelência.

A avaliação, bruxa da história, está focada em uma educação com raízes tradicionais e concepções ultrapassadas em momentos de sociedade da informação, como a que vivemos em nosso país e na nossa realidade sócio-cultural. Dentro dessa visão a avaliação perpassa por elementos que não traduzem o real desenvolvimento dos alunos, perdendo a amplitude do processo ensino-aprendizagem.

Fazendo um retrospecto de algumas concepções de avaliação, sem a preocupação com cronologias, mas sim com reflexões, podemos citar o seguinte:

A avaliação foi utilizada como sinônimo de medir, limitando-a a momentos estanques, buscando mensurar algo que não o poderia ser – o aprendizado do aluno.

O uso de testes, padrões esperados ou planejados, não levava em conta a diversidade do alunado.

Nas concepções apresentadas, podemos verificar que a avaliação não tinha a preocupação de repensar práticas ou caminhos para que o aluno pudesse aprender a partir de suas potencialidades, devendo encaixar-se nos padrões determinados para seu sucesso ou fracasso.

A herança desses tempos serve, ainda, como norteadora para várias práticas de uma avaliação que exclui, que aponta o fracasso sem perspectivas para revertê-lo, fazendo com que os erros sejam revistos e pensados como caminhos para futuros acertos.

E o medo da avaliação, da bruxa, cada vez mais má e assustadora, serve para conduzir alunos ao fracasso e evasões, afastando-os do desenvolvimento de habilidades dentro de suas próprias potencialidades.

Ao contrário disso, cabe a nós educadores, construir nova metáfora para o papel da avaliação no processo ensino-aprendizagem fazendo com que ela, ao contrário da maldosa vilã, ocupe o papel de guia, daquela que norteará “os fracos e oprimidos” em sua trajetória pela estrada de tijolos amarelos, rumo a Oz.

A avaliação deveria, assim como os aventureiros pela terra de Oz, ensinar a cada um dos alunos que seus erros, suas falhas são elementos importantes para seu crescimento e aprendizagem.

O PAPEL DO ERRO NA AVALIAÇÃO

*A liberdade não tem qualquer valor
se não inclui a liberdade de errar.*

Mahatma Gandhi

O que é errar? Poderíamos dizer que erra aquele que não responde aos padrões determinados para considerarmos acertos. Sendo assim, quem concebeu os tais padrões e não levou em conta os erros do caminho?

Ao observarmos a trajetória de grandes gênios da humanidade, percebemos que eles obtiveram muitos fracassos antes de chegar ao sucesso. Para exemplo, citaremos Thomas Alva Edison, inventor da lâmpada incandescente que, através de várias tentativas e erros entendeu que, para que o filamento pudesse incandescer, era preciso criar um vácuo no bulbo de vidro. *Quantos bulbos e filamentos foram perdidos até que ele conseguisse chegar ao resultado esperado?* Se tivesse desistido ou ainda sido severamente punido, reprovado, por seus erros, talvez ainda estaríamos lendo este texto à luz de velas ou lampiões a gás.

O que queremos mostrar é que o erro é o caminho para o acerto! Só erra quem tenta acertar, quem tenta descobrir o novo ou se dispõe a dar respostas com base em sua própria lógica, com sua vivência que pode ser (e é!) diferente daquela muitas vezes esperada.

Em seu livro “Avaliação: Mito & Desafio”, Jussara Hoffmann (2001) narra uma experiência com a definição dada ao termo “desmatar” por sua filha. Esta disse que desmatar era tornar vivo novamente. Pois bem, a resposta não era aquela constante nos dicionários, mas a lógica utilizada por uma criança precisa ser levada em conta antes de darmos o sonoro e poderoso “está errado!”. Ao construir novo significado para a palavra, a criança utilizou-se de seu repertório e de uma lógica, demonstrando um conhecimento acerca do prefixo “des” para a construção de antônimos. Errou a definição, mas construiu outra significação que poderia ser utilizada em um contexto poético, por exemplo. O que podemos afirmar aqui é que apesar do erro, a criança demonstrou outros saberes, outros conhecimentos que, ainda que não compusessem a referida resposta, não podem ser descartados enquanto elemento de desenvolvimento de aprendizagem.

O erro, quando encarado em uma visão mais ampla, em um enfoque de construção de conhecimento, traz a visão da busca da superação de determinada hipótese que conduzirá o aluno a outros caminhos e, conseqüentemente, a outras descobertas e aprendizagens. É inconcebível deixar de considerar o erro, se queremos formar seres reflexivos, aprendentes que tenham condições de, a partir de seus equívocos, construir significações e novas aprendizagens.

Ao contrário do ensino tradicional, em que o erro era algo a ser punido, as atuais tendências encontram nele elementos para auxiliar o desenvolvimento dos alunos. Para repensarmos o papel do erro devemos reforçar que o papel da educação está atrelado à aprendizagem e que, ao aprender, é comum errar. Isso pode parecer óbvio, mas não vemos tal prática na maioria das salas de aula de uma escola.

Ainda que a concepção de avaliação tenha se modificado ao longo dos anos (para alguns professores), parece que o objetivo de desenvolver aprendizagens se perde em um sem número de estatísticas para justificativa de investimentos voltados à melhoria do ensino em nosso país. A preocupação com índices deixa de lado a necessidade de ações que levem em conta a individualidade de cada processo ensino-aprendizagem, trazendo propostas que massificam as salas de aula e afastam ainda mais os alunos de seus erros, enquanto passos para futuros acertos.

Rever o papel do erro é repensar o caminho que leva ao aprender, considerando as experiências vividas e as hipóteses construídas para a consolidação do conhecimento transformado ao longo das vivências.

*Mas se levarmos em conta o papel do erro, como aplicá-lo às práticas de avaliação?
E como deveriam ser tais práticas?*

Levar em conta o papel do erro na avaliação é entendê-la como um processo contínuo, no qual cada etapa é importante para o desenvolvimento do aprendizado. Nesse caso, o professor, ao se deparar com dificuldades e, conseqüentemente, com baixos resultados, concebe o erro como ponto de partida para novas práticas e metodologias, objetivando que aluno supere tais dificuldades, vença tais erros para, assim, dar continuidade aos seus estudos e ao seu desenvolvimento como ser aprendente.

O que vemos, no entanto, é a condenação de respostas que fujam aos gabaritos pré-determinados e condizentes com a subjetividade que o professor utiliza para corrigir as questões propostas na avaliação. Respostas diferentes daquelas esperadas não são analisadas de forma a buscar entender o raciocínio do aluno, a lógica utilizada para a construção de sua resposta. A forma utilizada pelo professor para estas correções é objetiva, não levando em conta as formas de pensar de seus alunos, ainda que, em muitos casos entre os objetivos específicos, conste o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia do aluno.

Repensar a avaliação, portanto, exige que o papel do erro seja repensado e concebido como ocorrências perfeitamente normais para o aprendizado do aluno. Além disso, é necessário que o professor estabeleça momentos de diálogo acerca dos erros cometidos com vistas a repensar a sua própria prática e para que o aluno possa repensar seus caminhos e formas de pensar.

AVALIAÇÃO: UM PROCESSO A SER CONSTRUÍDO

Repensar a forma de avaliar faz-se urgente quando deparamos com processos de ensino que deveriam desenvolver o senso crítico, a autonomia e as reflexões do aluno como protagonista no processo ensino-aprendizagem. Não cabe ao aluno apenas seguir a direção do professor, como um títere que, puxando determinada corda, responde da forma esperada, atendendo aos ditames do diretor de cena. A cena a ser construída requer ação coletiva, na qual alunos e professores interfiram sempre que necessário no rumo do roteiro e nas cenas que deverão construir.

Se chegamos a um acordo de que é necessário construir o conhecimento e à escola cabe o papel de fornecer instrumentais para a construção deste conhecimento por parte dos alunos, por que não podemos construir um modelo de avaliação que proporcione desenvolvimento ao aluno também e não se limite a quantificar e gerar notas, valores e estatísticas para justificar este ou aquele tipo de ensino, método ou sistema?

Mais uma vez pedimos que reflitamos a partir de uma metáfora! Quando uma gestante inicia seu pré-natal, indo mês a mês ao médico para verificar o desenvolvimento do bebê, podemos dizer que ela está fazendo uma avaliação constante, processual, para que, ao final, tenha melhores condições para o parto e que o desenvolvimento da criança seja bom.

Pois bem, com a avaliação, precisamos começar a pensar em processo e não em finalizações de etapas determinadas por planos de ensino que não levam em conta a necessidade de uma flexibilização em virtude da diversidade presente nas salas de aula.

A avaliação deve ser construída de forma contínua, acompanhando cada etapa do processo ensino-aprendizagem. *Aliás, se temos em mente que ensino-aprendizagem é um processo, por que não o vemos quando falamos de avaliação?*

Durante todo o percurso percorrido pelo aluno, cabe ao professor avaliar seu desempenho em todos os momentos, a fim de encaminhá-lo de forma mais coerente diante de suas dificuldades, erros e acertos. A avaliação quando pensada de forma contínua e processual evita surpresas desagradáveis ou surpresas no caminho percorrido. Um aluno alertado em tempo sobre suas dificuldades e erros não os verá crescer como uma bola de neve, cada vez mais difícil de controlar ou desfazer.

O que queremos reforçar é que avaliar de forma processual e mediadora significa contribuir para o real desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de cada aluno, orientando seu caminho de forma que ele mesmo possa reconsiderá-lo e tomar decisões acerca dos próximos passos.

Avaliar de forma mediadora é utilizar os instrumentos de avaliação como elementos de mediação na construção do conhecimento, na relação professor-aluno, na cumplicidade dos envolvidos neste processo. Quando consideramos a avaliação como processo e mediadora, estabelecemos novos vínculos, pois tanto quem educa, quanto quem é educado constroem caminhos e posturas reflexivas de suas práticas e saberes para a consecução de objetivos. Estes objetivos são traçados conjuntamente, na cumplicidade de quem busca vencer obstáculos, renovar saberes, forças, e seguir em frente, aprendendo na continuidade de sua vida e não apenas no ambiente escolar. A avaliação mediadora oferece maior proximidade entre os envolvidos, pois, ao invés de tolher, castrar ou amedrontar se torna instrumento pedagógico que contribui para o desenvolvimento e valorização do processo ensino-aprendizagem.

A avaliação que buscamos é aquela que percorre todo o processo ensino-aprendizagem, agindo como uma bússola para todos os envolvidos. Uma avaliação que atue como indicação para repensar práticas que não funcionam com aquele determinado aluno, com aquela realidade. Quando concebida assim, ela permite, conjuntamente, a existência da au-

toavaliação, pois a partir de múltiplos olhares, tanto professores, quanto alunos passam a se autoavaliar, o que fornece alternativas para retomadas dos conteúdos.

Entender avaliação como elemento mediador é buscar a construção de um processo que leve em conta a realidade em que a escola se encontra inserida, o ponto de partida e os inúmeros passos que poderão conduzir todos os envolvidos ao encontro dos objetivos e metas traçados.

Sem levarmos em conta o que já é sabido, não poderemos pensar em onde queremos chegar ou naquilo que queremos que os alunos saibam ao final de uma sequência didática.

O processo de avaliação tem início quando são levantados os conhecimentos prévios dos alunos. A partir disso é possível estabelecer objetivos e metas, escolher conteúdos e aplicar métodos. Tendo um ponto de partida, a avaliação torna-se auxiliadora, quantitativamente e principalmente qualitativamente, do processo de ensino-aprendizagem em que progresso ou fracasso são importantes para se repensar as estratégias com vistas a auxiliar o desenvolvimento do aluno.

Avaliar, dentro desta perspectiva, é utilizá-la como instrumento pedagógico que auxilia o desenvolvimento do aluno na aquisição de novos conhecimentos, como ferramenta para apontar caminhos para os objetivos traçados, mas, acima de tudo, dentro das possibilidades do aluno em questão.

Portanto, avaliação e educação são elementos indissociáveis, pois andam juntas, entrelaçadas para a construção de conhecimento e de uma educação democrática com alunos autônomos, reflexivos e aprendentes, e não apenas para a hierarquização de notas e valores atribuídos ao sucesso e insucesso dos alunos. Desenvolver um processo de avaliação é acima de tudo desenvolver uma educação honesta, que prioriza o desenvolvimento do ser humano e não apenas busca vencer objetivos, etapas e metas, traçados na elaboração de planos e currículos oficiais, sem levar em conta o elemento primordial para todo o processo – o aluno.

PORTFÓLIO

UM CAMINHO PARA A AVALIAÇÃO

O portfólio pode ser definido com um conjunto das produções ou ainda de documentos, atividades que demonstram o progresso da aprendizagem, permitindo ao produtor o acompanhamento de suas produções.

Dentro dessa visão e pensando em avaliação enquanto instrumento de formação do aprendiz, o portfólio viria ao encontro da necessidade de repensarmos o processo de avaliação, pois

[...] o portfólio proporciona um contexto em que a criança pode pensar sobre ideias e conhecimento que adquiriu fora da sala de aula, enriquecendo, assim, as atividades de aulas tradicionais, como as de relatar suas experiências próprias. (...) As avaliações com portfólio integralmente implementadas encorajam a criança a refletir sobre seu próprio trabalho, realizando assim, as conexões tão marcantes entre os tópicos (como animais) e experiências (como observar o ciclo de vida de um sapo) que são as bases da atividade intelectual e criativa. (SHORES, 2001, p. 21).

A função principal da avaliação por portfólios é a de permitir o acompanhamento da trajetória, dos erros e acertos do aluno, e também das suas necessidades específicas para a aprendizagem.

Na prática de portfólios, torna-se muito comum que uma pasta seja utilizada para guardar ou colecionar atividades diversas. Salientamos que portfólios são mais do que meras coleções e devem ser elaborados criteriosamente para que se possam utilizá-los verdadeiramente como instrumentos de avaliação:

Neste caso, o uso do portfólio envolve o desenvolvimento do aluno durante o tempo de aprendizagem. Assim, não é possível criar um portfólio rapidamente com apenas uma observação ou alguns registros. O portfólio envolve um tempo a ser percorrido. O desenvolvimento da criança e a aprendizagem não são imediatos. É preciso acompanhar o processo educativo, registrando fatos interessantes, observando o cotidiano escolar da criança e percebendo as situações que se repetem e revelam indícios importantes para a percepção de como ela está caminhando. (LUSARDO, 2009, p. 5).

Podemos dizer que o portfólio é uma coleção de itens que, ao longo do tempo, revela

os diferentes aspectos do desenvolvimento do aluno, seu crescimento, evolução e principalmente seus progressos no processo de aprender.

Segundo SHORES (2001), existem três tipos de portfólio: particular, de aprendizagem e demonstrativo.

PORTFÓLIO PARTICULAR

O portfólio particular é formado pelos registros confidenciais e particulares de cada criança, além da documentação, relatório de reuniões de pai, registros que devem fazer parte deste tipo de portfólio. Embora não estejam ligados diretamente ao desenvolvimento dos alunos são importantes para o acompanhamento da evolução dos mesmos.

PORTFÓLIO DE APRENDIZAGEM

O portfólio de aprendizagem, por ser o maior deles, deve ser utilizado com maior frequência. Neste portfólio, estão contidos os rascunhos, esboços, as anotações, as amostras de trabalhos e o diário de aprendizagem do aluno – registro individual feito pelo aluno acerca de seu desempenho –, no qual deverão ser registradas as descobertas e aprendizagens dos mesmos. Sua organização deve ser feita em conjunto com o aluno para o desenvolvimento dos processos de avaliação e autoavaliação.

PORTFÓLIO DEMONSTRATIVO

O portfólio demonstrativo é formado por amostras representativas de trabalho dos alunos, demonstrando seus avanços ou dificuldades persistentes que precisem ser observadas com maior cuidado. Enquanto instrumento, este portfólio serve de ponto de partida para a continuidade dos estudos no ano posterior, servindo de diagnóstico para o próximo professor.

Montar um portfólio requer rigor e senso de continuidade para o trabalho, uma vez que sua montagem não se completa e sim se complementa à medida que o aluno avança em sua aprendizagem.

Ao montarmos um portfólio, alguns itens devem ser observados, elementos que deverão fazer parte de sua construção. Os itens mais frequentes para a elaboração de um portfólio são desenhos e registros escritos, podendo ter outros como fotos, gravações de áudio e vídeo, diários de aprendizagem, amostras de escritas, ditados, amostras de aprendizagem etc.

Importante para esta montagem é que o professor tenha em mente “o que” quer coletar e “para quê”, a fim de que utilize o processo de avaliação com vistas à formação de seus alunos, dando-lhes, justamente por isso, condições para prosseguirem rumo à consecução dos objetivos.

BIBLIOGRAFIA:.....



ÁLVAREZ MÉNDEZ, Juan Manuel. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação**: mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 30. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar**: respeitar primeiro, educar depois. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 6. reimpr. São Paulo: Cortez, 1994.

LUSARDO, Raquel Costa Cardoso. **O papel do portfólio na educação infantil**. Disponível em: <http://www.ppge.ufjf.br/publicacao/texto-raquel_lusardo.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2009.

MASETTO, Marcos. **Didática**: a aula como centro. 4. ed. São Paulo: FTD, 1997.

SHORES, Elizabeth F.; GRACE, Cathy. **Manual de Portfólio**: um guia passo a passo para o professor. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COMO CITAR ESTE TEXTO:

ROBSON, A. S. Avaliação: instrumento de desenvolvimento pedagógico. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 100-109, v. 9.